

12 JUN 1985

Renúncia de Sarney ainda causa polêmica

CORREIO BRAZILIENSE

JOÃO EMÍLIO FALCÃO
Da Editoria de Política

Passado um ano, a renúncia do ex-senador José Sarney à Presidência do PDS é vista hoje, pela maioria de seus ex-companheiros, como um ato político pragmático objetivando a conservação do poder. Mas o presidente do PDS, Amaral Peixoto, com 79 anos, não concorda com esta tese e nem que ele haja pensado em ser vice de Tancredo Neves: "Foi uma reação emocional à carta de presidente Figueiredo contra as prévias", comenta.

As duas correntes de opiniões são fortes no PDS. O grupo mais ligado ao deputado Paulo Maluf, o candidato prejudicado, defende com veemência a tese de que toda a ação política de Sarney objetivou desestabilizar o PDS para beneficiar inicialmente a Tancredo Neves e, pois, a seu grupo. Com isso, ele seria, no mínimo, ministro de Estado.

Lembra que no dia 31/5/84, Sarney esteve na residência de Maluf acompanhando do empresário Mathias MacLine, da Sharp. A conversa foi em torno da união partidária e ficou implícito que Sarney integraria o futuro Governo fosse qual fosse o vitorioso. Dias antes, em São Luís, o deputado Renato Cordeiro (PDS-SP) teria ouvido de Roseane Murad (filha de Sarney) a seguinte frase: "Destá casa tem de sair o vice-presidente".

Em 1º de junho, Flávio Marcílio comunicou oficialmente a Sarney que iria ser candidato a vice-presidente na chapa de Maluf. De acordo com seu depoimento, na época, Sarney ficou profundamente irritado porque esperava ser candidato a vice sem concorrentes ou, no máximo, sem vinculação. A partir desse momento, desencadeou-se o processo de divisão do PDS.

Na terça-feira, 5, o então líder do Governo da Câmara, Nelson Marchezan, foi ao Jaburu tomar café com o vice-presidente Aureliano Chaves. Encontrou-o acompanhado de José Sarney e do hoje ministro Marco Maciel. Discutiram a realização das prévias entre os quatro candidatos, acertando que caberia a Sarney levar a proposta ao presidente Figueiredo. Marchezan, porém, antecipou-se e levou o assunto ao ministro Leitão de Abreu.

Nesse mesmo dia 5, o mi-

nistro Aureliano Chaves passou um telegrama a prefeitos e vereadores pedessistas concitando-se à luta partidária. Este telegrama foi distribuído por senadores adeptos da candidatura Mário Andreazza, que hoje se encontram na Frente Liberal. Na manhã de 6, o senador José Sarney colocou-a para o presidente Figueiredo que a aprovou. Apenas Sarney e Figueiredo podem esclarecer, em definitivo, se este frisou que só a aceitava se todos concordassem.

No dia 6, aconselhado pelo ministro Leitão de Abreu, Sarney informou à imprensa da prévia, que era desconhecida por Paulo Maluf e Mário Andreazza, os outros candidatos. Andreazza tomou conhecimento pela televisão, assistida em São Paulo, e no dia seguinte procurou Figueiredo para denunciar a manobra. Paulo Maluf também procurou o presidente Figueiredo dizendo-lhe que Aureliano seria beneficiado porque defendera as diretas, enquanto ele se colocara de acordo com a posição do Governo.

Na tarde de sete, após o lançamento do livro sobre o general Euclides Figueiredo, o presidente João Figueiredo disse que só aceitava a prévia se todos os candidatos estivessem de acordo. Maluf, ao lado de Sarney, sentiu que a parada estava ganha. Começara, então, conversações para a reunião da Executiva do PDS, convocada para o dia 11, segunda-feira.

Aureliano Chaves, José Sarney Jorge Bornhausen e Marco Maciel queriam votar a realização das prévias na Executiva, pois achavam que derrotariam o presidente Figueiredo, ajudado por Andreazza e Maluf. Foi um momento crítico para o líder Marchezan, visceralmente contrário a Maluf, mas fiel a Figueiredo. Ele decidiu que, por uma questão de princípio, votaria com as prévias e comunicou isto ao Planalto.

No dia 10, às 21:00h, Sarney recebeu em sua residência, através do capitão Douglas, uma carta do presidente Figueiredo condenando as prévias, que fora redigida pelo ex-ministro da Justiça Ibrahim Abi-Ackel, um adversário pessoal de Sarney. Ele reuniu, de imediato, Aureliano, Maciel e Marchezan para uma discussão em torno do assunto e informou-lhes que renunciaria à presidência do PDS, pois não se sentia mais em condições em

presidi-lo. Marchezan foi contra, observando que deveria ser feito um novo esforço pelas prévias.

Na manhã de 11, Sarney compareceu armado à sede do PDS. Ele lera nos jornais que o deputado Amaral Netto (RJ), malufista, iria denunciar que sua eleição para presidente do PDS tinha sido fraudulenta e não estava disposto a aceitar qualquer humilhação. A um amigo que com quem esteve pouco antes, observou: "Vou sair, mas vou sair atirando". O secretário-geral do PDS, Homero Santos (MG), procurou-o para hipotecar-lhe a solidariedade. Disse-lhe que não se preocupasse. "Você não precisará votar, eu saio antes".

A intenção de Sarney era deixar o PDS sem agravar mais as rixas existentes, mas não conseguiu. Foi contestado com veemência pelo deputado Flávio Marcílio, quando tratou de questão da vice-presidência. Os dois estavam sentados lado a lado e discutiam asperamente.

Em redor, deputados malufistas e adeptos de Sarney-Aureliano-Maciel trocavam insultos, ameaças, empurravam-se.

Sarney deixou o edifício Sofia, sede do PDS, cercado por uma guarda pretoriana. Na porta encontrou-se com seu filho, deputado José Sarney, e Jutahy Magalhães, a quem aconselhou: "Vá conosco para o Tancredo. O Zequinha fez muito bem em votar nas eleições diretas. Você é um rapaz novo, de futuro, fique com a boa causa".

Hoje, passado um ano, o líder Prisco Viana acha que a renúncia desestabilizou o PDS e foi uma das principais causas da derrota de Paulo Maluf, seu candidato. Contudo, o PDS já se encontra em fase de recuperação. Não há ódio para com Sarney, mas o PDS está firme na Oposição. Não se pode, no entanto, dizer que jamais voltarão a reencontrar-se porque a política é muito dinâmica.

O deputado Paulo Maluf, o candidato derrotado, não quer fazer comentários a respeito. Prefere dizer que não há democracia sem partidos fortes e que no Brasil as estruturas partidárias não foram respeitadas. O que resultou? Responde dizendo que foi um Governo onde predomina o nepotismo, que tem "como exigência para a nomeação fato da pessoa ser irmã, filho, filha, genro, nora, pai e até a mãe de gente importante".